

## A REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO CONTO “THE PEACE OF UTRECHT”, DE ALICE MUNRO

### REPRESENTATION OF FEMALE SUBJECTIVITY IN THE SHORT STORY “THE PEACE OF UTRECHT”, BY ALICE MUNRO

Oíse de Oliveira Mattos Bazzoli<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo volta-se para a análise do conto. “The Peace of Utrecht”, presente na coletânea *Dance of the Happy Shades* (1968), visando demonstrar a construção da subjetividade feminina na ficção da escritora canadense Alice Munro, considerando-se a questão do patriarcado e a relação entre o elemento natural canadense (*wilderness*) e a perspectiva das mulheres. A análise terá como fundamentação teórica as considerações de Kehl (1998) sobre feminilidade, Howells (1998) sobre o caráter indiscutível do elemento sociocultural representado na literatura, entre outros teóricos.

**Palavras-chave:** Alice Munro, subjetividade feminina, literatura canadense.

#### ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the short story “The Peace of Utrecht” from the book *Dance of the Happy Shades* (1968), to show how the construction of subjectivity in the fiction of the Canadian writer Alice Munro taking into consideration the question of patriarchalism and the relation between the Canadian wilderness and the perspective of women. The analysis will have as theoretical foundation, the considerations of Kehl (1998) regarding femininity, Howells (1998) and the unquestionable character of the sociocultural element represented in literature, among other theorists.

**Keywords:** Alice Munro, female subjectivity, Canadian literature.

O presente artigo tem como objetivo desvelar o processo de construção da subjetividade das mulheres através de questionamentos que desestabilizem os discursos tomados como verdades que sustentam as hierarquias do gênero e a implicação desse processo ao longo dos últimos séculos.

A literatura de autoria feminina é de valor inestimável quando se busca uma aproximação da maneira como a subjetividade de mulheres do passado foi construída. Esse tipo de escrita tem sido utilizado na interpretação do modo pelo qual as mulheres manifestavam suas experiências íntimas, individuais e coletivas, como entendiam a si

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

E-mail: [oise.bazzoli@yahoo.com.br](mailto:oise.bazzoli@yahoo.com.br)

próprias e o mundo ao seu redor. A mulher está sempre se definindo diante de uma realidade construída pela historicidade das relações sociais, pelo olhar dos outros praticamente desde que nasce. Foucault define construção de subjetividade como “o processo pelo qual nós obtemos a constituição de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade, que nada mais é que uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência em si” (FOUCAULT, 2001, p.706).

As questões relacionadas à subjetividade e identidade são importantes na modificação das relações hierárquicas e de poder, sendo a figura feminina a maior favorecida pois, durante um longo período, sua identidade de gênero foi fixada a partir de seu corpo biológico. O destaque dado ao sexo como a essência da representação do ser nada mais é do que uma ficção determinante, que rejeita as diferentes formas de existência e aprisiona as identidades em um sistema binário (masculino/feminino), sistema este que estabelece hierarquias e relações assimétricas de poder.

Para abordarmos o assunto da subjetividade feminina no conto de Alice Munro, vamos adentrar ao assunto da formação e da constituição da literatura canadense que tem sido foco de muitos estudos durante as últimas décadas. A geografia do país é um dos principais fatores que devem ser levados em consideração quanto à sua formação, dado que é uma região pouco habitada comparando seu espaço físico formado por grandes extensões de espaços não civilizados em meio a florestas e inúmeros lagos, conhecido por *wilderness* canadense. O país se caracteriza por longos períodos de rigoroso inverno, por isso o clima é considerado também um elemento preponderante.

O elemento natural canadense, o *wilderness* é, sem dúvida, o melhor representante da identidade cultural e nacional do país. É a partir desse conceito que se desdobram outras noções válidas que permeiam as obras literárias lá produzidas. O caráter realista da literatura canadense é compreendido como algo que reitera o sentimento de pertencimento àquela realidade e àquele país (GONÇALVES & ROCHA, 2010). Além disso, o enfoque está nos pioneiros da colonização canadense dessa povoação e na relação estabelecida nessa terra inóspita, onde o manejo da mesma para que se tornasse habitável e produtiva foi uma tarefa bastante árdua. Desde tempos mais remotos, a dominação da natureza pelo homem remonta à estética de representação da

mulher, pois analogamente, assim como a natureza é dominada pelo homem, a mulher também seria vulnerável a essa dominação.

A literatura canadense adquire outros contornos em que o cenário da natureza se transporta para a literatura como um local ainda não explorado pelo sujeito detentor do poder patriarcal e, assim, o elemento natural ganhará importância no sentido de representar um ambiente em que as formas de poder diferem daquelas da sociedade em geral. Escritoras canadenses como Margaret Atwood, Margaret Laurence e Alice Munro elaboram suas narrativas a partir de noções das relações da questão feminina e de poder em relação ao patriarcado.

Nos séculos XVIII e XIX a cultura europeia produziu uma grande quantidade de discursos cujo sentido geral era promover uma adequação entre as mulheres e seu conjunto de atributos, funções e restrições denominado feminilidade. As mulheres seriam um conjunto de sujeitos definidos a partir de seu corpo e suas necessidades, daí a ideia, bastante corrente, de que a natureza das mulheres precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que elas pudessem cumprir o destino a que estariam designadas. Para a psicanalista Maria Rita Kehl (1998, p. 58), a feminilidade é o conjunto de atributos próprio a todas as mulheres e, por isso, atribui-se a elas “um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico, traçando-se, a partir daí, a maternidade, como o único destino para todas”. Recato, docilidade, receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e dos filhos são virtudes que devem ser exercidas.

Mas é a partir do advento das Luzes, que valorizava a autonomia do sujeito, que a noção de mulher/procriação/lar sofre um grande abalo e a vida privada iria sentir a mais violenta agressão já vista na história ocidental. Nesses deslocamentos entre a esfera pública e privada, as mulheres deixam seus antigos postos e saem às ruas “com intensa sede de participação cívica e desobediência revolucionária, estando na linha de frente das manifestações públicas no final do século XVIII” (PERROT, 1995, p. 21). Montesquieu considera o império masculino sobre as mulheres uma verdadeira tirania. Voltaire, em *Nanine* (1749), faz sua heroína dizer: “Minha mãe julgou-me capaz de pensar por mim mesma e escolher por mim mesma um esposo” (BADINTER, 1987, p. 27).

Rousseau foi o escritor mais influente que se manifestou a favor da volta das mulheres ao seu verdadeiro “estado de natureza”, ou seja, o saber viver originário e feliz conforme nossas necessidades inatas e sua concepção esteve quase dois séculos no centro dos discursos sobre a feminilidade. Ao mesmo tempo em que a ideia de natureza tem um valor emancipador no que se refere ao efeito de desencantamento, deslocando o homem do centro do universo, tem também um argumento poderoso quando se trata das mulheres, escravizando-as às vicissitudes de seu corpo (ROUSSEAU, 1999, p. 424). No retorno à natureza, o homem busca sua interioridade e tem a natureza revelada, pois está dentro de nós como um senso vital essencial. A dominação da natureza pelo homem faz alusão à estética de representação da subjetividade feminina afinal, como a natureza é dominada pelo homem, assim também a mulher é vulnerável a esse tipo de dominação.

Para Yvonne Knibiehler, “a mulher do século XIX é uma eterna doente. Além da gravidez e do parto, a puberdade e a menopausa constituíam também, a partir de então, provações mais ou menos perigosas e as menstruações, feridas dos ovários, abalam o equilíbrio nervoso” (KNIBIEHLER, 1994. p.359). Quanto à sexualidade, as mulheres eram educadas para conterem seus instintos, esperava-se que a frigidez fosse um estado mais ou menos normal entre as senhoras casadas e que a sexualidade feminina fosse satisfeita com o parto e a vida doméstica.

De acordo com Gonçalves & Rocha (2010), o cenário da natureza se transporta para a literatura como um local ainda não mapeado pelo sujeito detentor do poder patriarcal. Somando-se a isso está “a relação entre o elemento natural canadense e a perspectiva das mulheres, que pode funcionar como uma possível explicação para a abundante produção de textos cujas temáticas giram em torno de personagens femininas” (2010, p.358). Nesse contexto, a obra de Alice Munro foi escolhida para discutir a representação da subjetividade feminina, levando-se em conta o fato de sua narrativa refletir seu fascínio pela interioridade, pelos mistérios da alma, configurando-os literalmente, não só por meio de perfis complexos, mas também por procedimentos-chave, tais como lapsos, chistes, deslocamentos, condensações, etc.

Uma das características do trabalho da contista é o emprego do oximoro, figura que revela múltiplas e simultâneas percepções de um único evento para demonstrar que os acontecimentos, as memórias, a experiência e a reconstrução ficcional jamais coincidem (SILVA, 2020, p.15). Essa técnica aparece impressa no título do conto “The

Peace of Utrecht”. O oxímoro *peace* (tratado) é utilizado na narrativa para ressaltar a relação entre as irmãs. Refere-se, originalmente, a uma série de acordos assinados em 1713 que colocavam um fim à guerra pela sucessão do trono espanhol, durante o qual a Inglaterra e seus aliados lutaram contra França e Espanha. Esse evento tem um significado importante para os canadenses e, na narrativa, refere-se a uma tarefa feita por Helen nos anos em que esteve no colegial. No entanto, observa-se ao final do conto, que a paz não foi selada entre as irmãs.

Pertencente à coletânea *Dance of the Happy Shades* (1968), “The Peace of Utrecht” compõe uma voz narrativa em primeira pessoa e expõe personagens incompletas, em processo de formação, procurando em seus próprios passados a compreensão de seus conflitos atuais e que, possibilitam uma discussão acerca de valores tidos como legítimos na sociedade patriarcal. Trata-se de uma jovem mulher e mãe de dois filhos que retorna para uma visita à cidade fictícia de Jubilee, Ontário onde vive sua irmã Maddy, que cuidou da mãe com doença de Parkinson até a morte. Jubilee é descrita por Helen como uma cidade abafada e quente, com ruas desertas e malcuidadas com uma atmosfera claustrofóbica e perturbadora. “O ritmo de vida em Jubilee é primitivamente sazonal. As mortes ocorrem no inverno; os casamentos são celebrados no verão (MUNRO, 1998, p.194). É uma cidade sufocante onde nada muda e não há liberdade e nem independência. No seu reencontro com a irmã e, dias depois, com as tias, irmãs de sua mãe, Helen e Maddy tentam desesperadamente encontrar respostas para tudo o que ocorreu em suas vidas após os anos de faculdade, época em que decidiram o rumo de seus destinos. A narrativa assume um aspecto fragmentário em relação à estrutura temporal, a protagonista refere-se a experiências passadas em tom de reminiscências. O momento presente é vivenciado em Jubilee, onde a protagonista relembra a vida de solteira junto de sua irmã mais velha e tudo o que sofreram com a doença debilitadora da mãe, seus momentos de lucidez e delírio, doçura e tormento assim como a reação das duas jovens irmãs que pareciam envergonhar-se da mãe e amedrontar-se face àquela doença assustadora.

No início do conto, Helen expõe a relação de estranheza criada pelo passar do tempo com a irmã Maddy. “Teremos que olhar para dentro do deserto que existe entre nós e reconhecer que não somos meramente indiferentes; no fundo, nos rejeitamos [...] nos tornamos estranhas” (MUNRO, 1998, p.190). No texto em inglês a palavra estranha

(*alien*) relaciona-se ao processo de auto descoberta de Helen, seu distanciamento da família para escapar da pressão que a sociedade considera “boa filha” apenas o filho que cuida da mãe. Para Silva (2020, p.16), “Munro utiliza a fluidez da palavra explorando os deslizes de sentido com o intuito de mostrar o paradoxo existencial e capturar o indizível”. O indizível está na incapacidade das filhas em aceitarem e cuidarem da mãe e que, com o tempo, trouxe o sentimento de indiferença entre elas.

Helen, narradora e protagonista, vai para a faculdade em Toronto, casa-se e, convicta de que não queria mais viver naquela cidade de ritmo de vida “primitivo”, decide não voltar e estabelecer-se na cidade grande, ao passo que Maddy, após a graduação, retorna e passa a cuidar da mãe. O fato de Maddy ter ficado com a mãe não significa que estava sacrificando sua vida por quem a criou, mas simplesmente por não ter escolha, decidindo viver a vida com uma “liberdade imaginária” e ligada a ela por uma relação simbiótica através de um cordão umbilical invisível que não consegue ser cortado mesmo após sua morte.

Outra escolha que não fez, até o reencontro com a irmã, foi em relação ao fato de permanecer solteira. Relaciona-se com Fred Powell, um homem mais velho e casado que, segundo Maddy, cuida da esposa inválida com desvelo. É presença constante na casa de Maddy e para Helen, essa situação parecia bastante convencional, mas absurda. Maddy costumava provocar e irritar bastante Fred na presença da irmã, talvez por pura necessidade, o que ele permitia; quando ficava um pouco bêbada, dizia em tom de súplica que ele era seu único amigo e que “falavam a mesma língua”. Helen sentia-se, na verdade, perturbada com o fato de Fred ser seu amante, pois conhecia de longe algumas restrições e comentários da população. Sabia também que esse relacionamento poderia durar muito tempo e isso a deixava depressiva. “Esse pensamento me deprime tanto (relações não consumadas deprimem os estranhos mais do que ninguém) que eu desejo verdadeiramente que eles sejam amantes” (MUNRO,1998, p.194). O fato em questão não esclarece ao leitor se o motivo de Helen sentir-se perturbada com esse vínculo deve-se realmente ao fato do que as pessoas pensariam ou ao fato de ela própria sentir-se culpada pela escolha amorosa feita pela irmã.

A narradora faz, ao longo de vários momentos referentes ao presente ou ao passado, uma série de considerações sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, alguns evidenciando e outros contestando estereótipos. No trecho a seguir,

Helen fala sobre a ida a uma festa numa cidade chamada Lake. “A festa aconteceu em uma casa de campo que algumas mulheres de Jubilee alugaram para a semana. A maioria delas parecia viúva, solteira, separada ou divorciada; os homens eram jovens e solteiros em sua maioria” (MUNRO, 1998, p.191). Helen observa a diferença entre as mulheres casadas e solteiras, dizendo que as mulheres solteiras tinham mais preocupação consigo próprias, tinham mais energia e eram mais espertas e que apenas uma ou duas delas colocavam suas índoles em dúvida. A forma pela qual Helen se refere às mulheres, na passagem mencionada, contrapõe-se às identidades assumidas por sujeitos femininos e, por conseguinte, a personagem utiliza-se dessa fala a partir da perspectiva do gênero dominado.

Segundo Helen, as amigas de Maddy eram consideravelmente modernas, com cabelos cor de cobre, cílios azuis e grande gosto para a bebida, mas mesmo assim, Helen achava que Maddy não se parecia com elas; era esbelta, com um rosto afinado e não havia perdido o olhar de menina insolente e orgulhosa. No entanto, Maddy parecia se esforçar para adequar-se àquele grupo de mulheres na tentativa de agradar a irmã. Nesse mesmo dia, sentindo-se mal por ter bebido e não ter se embebedado, Helen vai para o carro dormir; momentos antes ouve o som das risadas vindas da festa e sente falta de seu marido e filhos. Maddy, mais tarde, tenta explicar à irmã que os convidados não possuíam nível intelectual adequado em suas conversas, mas tinham bons corações.

A escolha em sair de sua cidade natal, casar e ter filhos também sugere que, pertencendo a uma sociedade em que a mulher, não mais tinha sua subjetividade totalmente atrelada aos desejos masculinos, torna-se um produto de seu ambiente, e tudo o que a cerca é de importância relevante em sua construção/reconstrução. A partir do momento em que Helen afasta-se da família, ela “parece” construir sua subjetividade, desconstruindo padrões femininos seguidos por anos como modelos. Silenciada durante séculos pela sociedade, a mulher passa a fazer descobertas através de um indivíduo constituído por razão, inteligência e experiência. E o mesmo pode ser dito em relação à Maddy, que embora solteira, aceita o emprego oferecido por Fred Powell como forma de se libertar da rotina do trabalho doméstico, mostrando-se insatisfeita com o domínio privado.

Kehl (1998, p. 71) afirma que a insistência dos pensadores quanto à natureza feminina revela justamente “a emergência, na sociedade moderna, das condições de

desestabilização da relação entre as mulheres e as convenções sociais fundadas na diferença das funções reprodutivas masculina e feminina” e afirma também que estas estruturas estão constantemente sendo construídas e abaladas, reconstruídas e novamente desestabilizadas ao longo da história. O que Munro deixa bem claro desde o início da narrativa são os discursos impostos pelas normas culturais da sociedade: a mãe que possui a função de cuidar e proteger os filhos e, por conseguinte, os filhos, como responsáveis por cuidar dos pais idosos e doentes. Espera-se que as mães sacrifiquem sua individualidade e subjetividade para que sejam reconhecidas como boas mães; o mesmo acontece com as filhas que optam por dedicar-se ao cuidado das mães, caso contrário, são consideradas más filhas.

Ao ser informada das condições adversas da mãe por meio de cartas da irmã, Helen evita se envolver no que uma vez fora seu ambiente familiar de loucura e frustração. Lembra da tensão que sentiam quando jovens em viver com a mãe, os sentimentos de histeria que eram desfeitos em gargalhadas brutais e do sentimento de constrangimento ao serem estereotipadas como filhas que não souberam cuidar da mãe e não se importavam com ela. No desenrolar do conto vão expondo as estratégias que desenvolveram para justificar esse desprendimento pela mãe, numa tentativa de se livrarem da opressão imposta pela sociedade da época, em que boas filhas seriam aquelas socializadas para cuidarem das mães seja por motivo de idade ou doença, aquelas filhas que fariam de tudo, inclusive sacrificar sua vida para cumprirem o papel exigido pela sociedade: o de boas cuidadoras. O ato de cuidar da mãe era visto como um imperativo ético e moral e devia ser continuado de geração em geração. Maddy não conseguiu escapar dessa pressão que a fez prisioneira em sua própria casa.

Mulheres eram vistas como inferiores aos homens, fracas e passivas e sabiam que era característica feminina ser gentil e obediente. Nesse contexto, esse contrato social é quebrado em dois momentos no conto quando, primeiro, Helen decide se casar, constituir sua própria família e, segundo, quando Maddy, já cansada de cuidar da mãe, decide interná-la no hospital alegando que faria exames de rotina e deixá-la lá até que falecesse. Para as tias, isso é visto como um ato de crueldade e abandono. Logo após o funeral, tia Annie diz: “Maddy, que isso nunca aconteça a você” (MUNRO, 1998, p.208).

Contestando as palavras de Helen sobre a saúde da mãe, tia Annie diz que não havia necessidade em deixá-la no hospital, pois sua saúde continuava a mesma. A mãe pediu desesperadamente para que Maddy a tirasse de lá, mas a filha contestou. Segundo as tias, seu estado piorou e a levou à morte quando percebeu que não voltaria mais para casa.

Bem, ela fugiu. Saiu pela porta lateral onde a ambulância entra, é a única porta que não está trancada. Foi a noite quando não haviam muitos enfermeiros para observá-los. Vestiu sua camisola e chinelos, a primeira vez que vestia algo em anos e saiu; e era janeiro e estava nevando, mas ela não voltou. Ela estava longe descendo a rua quando a pegaram. Depois disso colocaram uma grade em sua cama. A neve, a camisola, os chinelos, a grade. Era uma imagem que eu estava inclinada a resistir. No entanto eu não tinha dúvida que era verdadeira, tudo era verdadeiro exatamente como aconteceu. Era o que ela faria, toda sua vida, assim como eu a conhecera, a levaria a aquele voo (MUNRO, 1998, p.208).

O quarto do hospital é visto como coadjuvante de sua condição de opressão, caracterizada por anos de cisão profunda e sofrida entre ela, as duas filhas e o mundo. A fuga representa o voo para a liberdade e mais tarde, quando os enfermeiros colocam uma grade ao redor de sua cama, esta simboliza a liberdade que seria tolhida até o fim de sua vida. Clausura, prisão, isolamento, tristeza profunda e morte.

Tia Annie e tia Lou aparecem na narrativa como representação da população da cidadezinha pacata e o modo como viam as mulheres da época. Conhecem a situação de angústia das sobrinhas, mas não compreendem suas dores e constrangimentos. E cada vez mais ambas se alienavam das pessoas e de si mesmas, o que pode ser observado na fala de Maddy: “Ninguém fala a mesma língua” (MUNRO, 1998, p.209). Esse fato é percebido por Helen quando a tia descreve os últimos dias da vida da mãe.

Durante a visita, tia Annie convida Helen para ir ao andar superior da casa com a intenção de lhe mostrar algo. Helen é surpreendida pela tia abrindo uma caixa que estava no alto do armário e que continha roupas lavadas e passadas da mãe. A personagem fica bastante confusa com a presença das roupas e, principalmente pelo fato de tia Annie sugerir que ela as leve embora para usá-las. Sente a atitude da tia como uma desculpa para falar sobre a doença e circunstâncias da morte da mãe.

Será esse o papel de mulheres velhas, além de fazerem tapetes de pano e nos darem notas de cinco dólares - certificando-se que nossas

assombrações estão sempre juntas e não distante de nós? (MUNRO, 1998, p.209).

Tia Annie quer ter a certeza de que os fantasmas do passado jamais serão esquecidos por Helen e, desse modo, fazer a sobrinha sentir que suas emoções reprimidas continuam a persegui-la.

Helen mergulha em uma auto reflexão com uma infinidade de outros pensamentos. É a hora de acertar as contas com seu passado, de ouvir histórias ainda desconhecidas. Recusa veementemente as roupas oferecidas por tia Annie, embora muitas estivessem quase novas. Camisolas, *peignoirs*, casacos, vestidos de várias cores e tecidos e blusas foram lavadas, passadas e remendadas. Fez questão de lembrar as roupas que a mãe usava a última vez em que a viu e dos seus momentos de desespero no hospital. Na recusa da filha em ficar com as roupas subjaz a negação da importância de valores familiares.

Helen e Maddy não conseguem compartilhar o presente juntas, pois vivem uma relação não resolvida no passado, que gostariam de apagar de suas mentes. Quando Helen abre a gaveta da penteadeira e vê, no antigo caderno com as folhas soltas, o trabalho intitulado “O Tratado de Utrecht, 1713”, a protagonista faz um paralelo com sua vida, a ruptura com o passado, seu conflito interno e uma recapitulação de sua relação com a irmã. Assim, Helen percebe que tem que encontrar meios para aceitar e lidar com a culpa que sente ao deixar a irmã sozinha para cuidar da mãe adoentada. O “tratado” representa uma tentativa para reproduzir um gesto diplomático de paz entre as irmãs.

Por outro lado, o conflito emocional de Maddy é constatado quando ela entra na cozinha com uma tigela rosa em suas mãos, uma espécie de herança familiar e, repentinamente, derruba e a quebra em vários pedacinhos. A tigela torna-se o símbolo da vida de Maddy, estilhaçada pela culpa e incapaz de se libertar do passado. Os pedaços de vidro representam os fragmentos do passado deixados no chão da cozinha que serão varridos e jogados fora, mas certamente nunca esquecidos pois sua mãe ainda controla sua vida. “Não é uma perda para mim. Tenho uma prateleira inteira cheia de tigelas de vidro” (MUNRO, 1998, p. 210). Esse comentário sugere que a dependência emocional continua a se manifestar na personagem mesmo que o objeto de sua dependência, a tigela, tenda se quebrado. Nas palavras de Helen “Agarre sua vida,

Maddy. Agarre-a, não fique aqui” (MUNRO, 1998, p.210), observa-se que, embora Helen tente se mostrar uma mulher aberta às mudanças ocorridas na sociedade, frustra-se na medida em que retoma seu passado e se lembra da mãe gótica que assombra sua casa e a cidade de Jubilee após sua morte, com sua presença ameaçadora que continua a contaminar suas vidas, aprisionadas pelo sentimento de culpa e vergonha.

Todas as tentativas das personagens a fim de se livrarem das memórias da mãe são falhas. A mãe pode estar morta, mas não está ausente caracterizando o conto como “a história de um exorcismo fracassado [...] um conto Gótico no qual aparecem personagens femininas primitivas – nada menos do que medo do matricídio” (HOWELLS, 1998, p.23). Maddy assume as dores e a depressão da mãe e carrega consigo o sentimento de culpa desde o instante que tentou se livrar das amarras da boa filha e reivindicar sua individualidade e liberdade.

“E como nós poderíamos tê-la amado, digo desesperadamente a mim mesma, as fontes de amor que tínhamos não eram suficientes, a demanda sobre nós era grande demais. Isso não teria mudado nada” (MUNRO, 1998, p.199). Dentro dessa perspectiva, acredita-se que o motivo de tanta frieza por parte das filhas seja a expressão de vergonha, humilhação, raiva ou impotência em saber que a doença irreversível, acometia justamente um parente tão querido. Segundo Netto (2009), não é sempre que as pessoas da família de doentes de Parkinson assumem posturas que a situação exige. A pesquisadora identificou manifestações de raiva, de hostilidade, de não aceitação das limitações do doente, constatou relações comprometidas e conflituosas quando se estabelecem as dependências nas situações diárias de convivência. Observa-se na narrativa, o exemplo da filha mais jovem que, no entendimento da família, já havia completado seus estudos e é colocada como “cuidadora” da enferma, vendo tolhidos seus desejos pessoais.

Faltou a Helen e Maddy autenticidade e maturidade, pois sentiam vergonha do estado de involução da mãe, dos sons que fazia e palavras que não conseguiam compreender juntamente com o sentimento de não aceitarem que a mãe havia sido acometida pelo Parkinson. As manifestações da doença são bizarras e, naquela época, segundo o relato de Helen, os sentimentos mais contraditórios entremeavam-se entre carinho, enternecimento, reverência e também crítica, caçoada e revolta. Fora de casa,

as filhas sentiam-se envergonhadas pelos sintomas da enfermidade, ao passo que, dentro de casa, não suportavam o som de sua voz: “o grito por socorro – indisfarçável, oh, vergonhosamente indisfarçável e espontâneo e suplicante (MUNRO, 1998, p.198).

Para Maddy, quando já não tinha mais a companhia da irmã, a “mãe gótica”, como costumava chamar, não mais a incomodava e a filha não tentava mais transformá-la em um ser humano.

Parecia que tínhamos que desempenhar algum tipo de tarefa trivial e desagradável requeridas incessantemente, ou que tínhamos que oferecer cinco minutos de conversa convenientemente alegre, tão casualmente pesarosa que por nenhum momento havia o reconhecimento do real estado da situação, nem um pouco de pena que abrisse caminho para uma de suas longas e debilitadas crises de choro (MUNRO, 1998, p.198).

E agora, juntas na casa em Jubilee, sem a presença da mãe, as irmãs voltam seus olhares para o passado e tentam desvendar tudo o que aconteceu, a maneira superficial pela qual a trataram, o sentimento de culpa e a tentativa desesperada em reconstruir suas verdadeiras imagens.

Ocasionalmente desde que faleceu, eu sonho com ela (nunca sonhei quando era viva) fazendo algo assim – um bolo de banana ou uma torta merengue de limão – e penso, porque exagerei tanto, veja, ela está bem, apenas com as mãos tremendo (MUNRO, 1998, p. 200).

Helen se questiona e tenta compreender toda aquela situação; o quão desejosa de viver a mãe era, não querendo ficar presa dentro de casa ou na cama do hospital. “O voo que diz respeito a todos” (MUNRO,1998, p. 208). O voo final relaciona-se à vitória da doença sobre ela e à busca da liberdade que foi tolhida a partir do Mal de Parkinson.

### **Considerações finais**

Alice Munro, marcada pela introspecção, apropria-se de situações traumáticas marcantes e com consequências definidas na vida presente, estruturando a experiência real e abrindo caminho para novas sensações. A narradora e sua irmã relembram fatos da juventude em meio à vida adulta, cujo reinterpretar propicia a manifestação de novos

sentimentos não observados na época de sua ocorrência, isto como resultado de uma visão de mundo mais madura e consciente, mas, apesar disso, não conseguem esquecer o passado, exorcizar a culpa e reconstruir o futuro, a fim de que encontrem reconciliação e paz. O conflito entre passado e presente é evocado através da memória, aspecto recorrente nas obras da escritora, revelando os desordenados caminhos da subjetividade das personagens. Estas, totalmente divididas entre a experiência vivenciada em ambiente patriarcal de pequena cidade, onde lutam por uma existência socialmente aceitável em que pudessem ser compreendidas, mostram o drama do homem moderno imerso em relações interpessoais tensas e conflitos morais criando para o leitor pontos de vista variados e diferentes versões para o mesmo fato.

“The Peace of Utrecht” relaciona-se ao terror mundano e comum que se esconde por detrás das fachadas de pequenas cidades canadenses e que ameaça a estabilidade mental dos personagens munrovianos.

## Referências

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol III, IV e V. Lisboa: Afrontamento, 1991.

GONÇALVES, Gracia; ROCHA, Patrícia. Lembrar e Esquecer: A Constituição da Subjetividade Feminina em uma Perspectiva da Memória em Bardon Bus, de Alice Munro. *Revista Eletrônica Gláuks*, v. 10, n. 2, p. 353-373, 2010.

HOWELLS, Coral Ann. *Alice Munro*. Manchester: Manchester University Press, 1998.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da Virgindade*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MUNRO, Alice. *Dance of the Happy Shades*. New York: Vintage Books, 1998.

PEIXOTO, Ana Adelaide. A experiência do trabalho doméstico em As Horas. In: *Letra Viva*, v. 9, n. 1, p. 5-7, 2009.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Emílio ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NETTO, Carmo Gallo. Mudanças psicossociais relacionadas à doença de Parkinson. In *Jornal da UNICAMP*, Campinas, p. 4, 2009.

Disponível em:

[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/maio2009/ju427pdf/Pag04.pdf](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2009/ju427pdf/Pag04.pdf)

SILVA, Maria das Graças Gomes Villas da. *Momentos de ser em Virginia Woolf, Clarice Lispector e Alice Munro*. Curitiba: Appris Editora, 2020.

Recebido em: 24/01/2024

Aceito em: 25/03/2024